

Visão da semana: de volta ao realismo

A semana passada certamente entrará para a antologia dos acontecimentos econômicos. Após o conturbado episódio da demissão do ex-ministro da Fazenda, Dílson Funaro, cuja substituição apresentou lances políticos raramente vistos no País, assumiu a pasta o economista, empresário e professor Luiz Carlos Bresser Pereira. De imediato, percebeu-se uma mudança no trato da política econômica: ela deverá retornar a uma dimensão efetivamente prática, distanciando-se do imaginário que vinha prevalecendo nos últimos meses.

O novo ministro teve, como primeira tarefa, de livrar-se de uma espécie de armadilha arquitetada por ele mesmo: pouco antes de ser nomeado, havia afirmado que se fosse ministro faria uma pequena maxi-desvalorização do cruzado. Tão logo foi confirmada sua indicação, surgiram os inevitáveis rumores, o mercado de câmbio foi parando progressivamente, até que a medida foi

tomada na quinta-feira: o cruzado foi desvalorizado em 8,49%. Isso tem, grosso modo, um significado parecido com aquele de que se revestiu a primeira desvalorização da moeda depois do plano de estabilização decretado em 28/02/86: embora a magnitude do ajuste tenha sido maior, ela indica a disposição (agora mais firme, ao que se depreende) do governo em equacionar rapidamente o superávit da balança comercial, favorecendo assim a negociação com os credores.

Claro que outros fatores serão necessários para que a meta de US\$ 8 bilhões de superávit seja alcançada, a começar pela desaceleração do crescimento interno e por uma política mais rígida com relação aos gastos públicos, ambos já mencionados pelo ministro. Ele terá de enfrentar alguns obstáculos e, ao que se vislumbra, sobretudo na esfera política. Alguns governadores do Nordeste já começaram a demonstrar preocupação com um crescimento

de apenas 3% neste ano, enquanto uma ala do próprio partido do ministro também parece disposta a fustigar seus planos.

Internamente, portanto, o cenário é delicado, não obstante os sinais positivos emanados do mercado financeiro após a nomeação de Bresser Pereira. Afastado o fantasma da máx, o ministro deverá observar atentamente a evolução da conjuntura externa, no momento em que a prime rate revela novos indícios de alta, já chegando a 8%, com negativas consequências para a dívida externa e sugerindo assim novas dificuldades na negociação com os credores. O ministro já disse que não quer o confronto com estes, muito menos com os organismos oficiais de crédito. Resta verificar se terá condições de pautar sua atuação pelo realismo pragmático que deixou entregar até agora. Claro está que as expectativas agora estão voltadas para a decretação do novo choque de preços e salários.